



Recebido em 22/03/2021

Aceito em 21/05/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i38.37000

## DOSSIÊ

# A espacialidade do movimento estudantil e do movimento docente na PUC-Rio durante o regime militar brasileiro

The spatiality of the student's movement and the teacher's movement  
at PUC-Rio during the Brazilian military regime

**Julia de Paula França**

Mestranda em História na PUC-RIO

orcid.org/0000-0001-6148-2822

[juliadepfranca@gmail.com](mailto:juliadepfranca@gmail.com)

**RESUMO:** O presente artigo pretende analisar de que forma o movimento estudantil e o movimento docente da PUC-Rio, cada um à sua maneira, apropriaram-se de alguns espaços físicos e simbólicos da Universidade durante o regime militar brasileiro. Foram escolhidos quatro locais - os pilotis, a Vila dos Diretórios e os auditórios Bs -, que serão examinados a partir do entendimento de que os espaços são tanto produzidos como construídos socialmente. Nesse sentido, busca-se evidenciar como esses espaços são influenciados por quem os ocupa e como, dependendo de variáveis como, por exemplo, tempo ou classe, é possível criar narrativas contrastantes de um mesmo espaço. Além disso, também há a preocupação de demonstrar como esses espaços não são recipientes inertes e, portanto, eles mesmos são agentes da sua própria produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimentos de oposição. Espacialidade. Ditadura Militar.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze how the student's movement and the teacher's movement at PUC-Rio, each in its own way, appropriated some physical and symbolic spaces of the University during the Brazilian military regime. Four locations were chosen - the pilotis, the Vila dos Diretórios and the Bs auditoriums -, which will be based on the understanding that the spaces are both produced and constructed socially. In this sense, we seek to show how these spaces are influenced by those who occupy them and how, depending on variables such as time or class, it is possible to create contrasting narratives of the same space. In addition, there is also a concern to demonstrate how these spaces are not inert containers and, therefore, they themselves are agents of their own production.

**KEYWORDS:** Opposition movements. Spatiality. Military Dictatorship.

## Introdução

Hoje quando falamos em Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, ou melhor - como é mais conhecida no vocábulo popular -, PUC-Rio, podemos estar nos referindo a diferentes espaços. O mais conhecido, é claro, é o campus principal, localizado na Rua Marquês de São Vicente, número 225, no bairro nobre da zona sul carioca, a Gávea. No entanto, muito por conta da Coordenação Central de Extensão (CCE), a Universidade também se faz presente em outras regiões do Rio de Janeiro, com

os polos nos bairros de Botafogo e Centro e no município vizinho de Duque de Caxias. Mesmo na Gávea, a PUC-Rio não se limita apenas à Marquês de São Vicente, já que detém outros prédios nos arredores, como é o caso da Casa de Medicina, que fica na Estrada da Gávea.

Além do espaço físico, o espaço simbólico da PUC-Rio também varia, não apenas no tempo, mas também em relação ao indivíduo que o ocupa. Assim como argumenta Margaret Rodman, para entender a Universidade, precisamos interpretar os lugares não como recipientes inertes (RODMAN, 1992). Ou seja, a compreensão de espaço varia “consideravelmente graças a fatores como classe, gênero, raça e sexualidade, e estão disponíveis de forma diferenciada aos que se encontram em locais diferentes do campo do poder” (GUPTA, FERGUSON, 1997, p. 50)<sup>1</sup>. Nesse sentido, o entendimento do que é a PUC-Rio, tanto materialmente como figurativamente, não vai ser o mesmo para um estudante de 2020 como foi para outro em 1964; ou para um aluno de Engenharia e outro de Artes Cênicas; ou para um estudante pagante em relação a um outro que é bolsista.

Em 1940, a PUC-Rio era apenas um projeto, coordenado, sobretudo, por Dom Sebastião Leme, então Cardeal do Rio de Janeiro. As Faculdades Católicas se instalaram inicialmente no Palacete Joppert, na rua São Clemente, no bairro de Botafogo, ao lado do Colégio Santo Inácio, em 1941. No entanto, mesmo nos anos iniciais, a proposta já era pensada para além das paredes do Palacete:

Desde os primeiros anos o fundador e primeiro reitor, Padre Leonel Franca S.J., buscou junto ao Governo Federal um local adequado à construção da Universidade, de forma a que esta pudesse ser uma referência nacional, abranger todas as áreas de conhecimento e atuar no fortalecimento do catolicismo no Brasil. O presidente Getúlio Vargas manifestou-se favorável à doação de terrenos da União. Foram oferecidos terrenos em São Cristóvão, no Caju, em Duque de Caxias, entre outros, todos considerados inadequados. O Padre Franca propôs ocupar terrenos na Praia Vermelha ou no Jardim Botânico que, porém, já estavam reservados para outros usos. Durante algum tempo a solução pareceu ser a construção de prédios em terrenos disponíveis na Esplanada do Castelo, no Centro do Rio, que atenderiam à intenção de que a Universidade fosse acessível em termos de transportes. Diversas dificuldades levaram a que estes terrenos fossem vendidos. Mesmo sem uma solução definitiva iniciou-se em 1947 uma campanha nacional de arrecadação de fundos para a construção da Universidade. (GORGÔNIO, 2014, p.40).

A PUC-Rio só passou a ocupar a Gávea no ano de 1955. Como mostram as negociações entre Padre Franca e Getúlio Vargas, o espaço que seria ocupado pelo campus foi marcado por disputas desde antes de existir fisicamente. De lá até os dias atuais, conflitos pela ocupação da Universidade e de seus diferentes espaços estiveram sempre presentes, cada época à sua maneira.

Neste artigo será analisado de que forma o movimento estudantil e o movimento docente da PUC-Rio apropriaram-se de determinados espaços universitários durante a luta de oposição contra o regime militar brasileiro. A PUC-Rio e o seu movimento estudantil tiveram uma notável importância na luta regional de oposição contra a

<sup>1</sup> “[...] vary considerably by factors such as class, gender, race, and sexuality and are differentially available to those in different locations in the field of power.” (GUPTA, FERGUSON, 1997, p. 50)

ditadura militar, principalmente através das "microrresistências"- com a publicação de jornais e boletins, criação de cineclubes e realização de eventos culturais - durante os "anos de chumbo" e, no período da redemocratização, sediando grandes assembleias e greves. Já o movimento docente, apesar de mais esquecido pela historiografia brasileira e de ter iniciado sua atividade organizada mais tarde, juntou-se aos alunos na resistência e, em julho de 1977, foi criada a Associação de Docentes da PUC-Rio (ADPUC), que lutou, entre outras reivindicações, por democracia, pela anistia política e por melhores salários e condições de trabalho.

Nesse sentido, é válido analisar de quais formas esses movimentos ocuparam o espaço da Universidade e de que maneira esses espaços foram eles próprios também agentes na luta de oposição. Foram selecionados quatro espaços entendidos como importantes para a atuação de ambos os movimentos no período em questão: os pilotis, a Vila dos Diretórios e os auditórios B1 e B2.

É importante ressaltar que, durante o texto, os espaços da PUC-Rio não serão tido "como um meio vazio, contentor indiferente ao conteúdo" (LEFEBVRE, 2013, p.123). Eles serão vistos como fruto de uma produção social e, como argumenta Lefebvre, "enquanto produto, por interação ou retroação, o espaço intervém na própria produção" (LEFEBVRE, 2013, p.125). Além disso, serão também percebidos como socialmente construídos: "Aqui, a ênfase está em lugares no mundo, na ação de indivíduos e de forças além do controle individual. Os lugares têm vários significados que são construídos espacialmente" (RODMAN, 1992, p. 641).<sup>2</sup> Nesse sentido, a análise dos espaços escolhidos terá como objetivo mostrar que, cada qual à sua maneira, eles foram não apenas cenário, mas parte da construção de identidades sociais de determinados sujeitos individuais ou coletivos (VELHO, 1994).

Outro ponto que será levado em conta é o caráter relacional do espaço-tempo, já que, como afirma Harvey (2004), é impossível separar as duas variáveis. É válido destacar que não há a pretensão de produzir uma narrativa única sobre a Universidade, já que cada ator social - mesmo com a existência de experiências compartilhadas - tem uma trajetória específica e, portanto, significa os espaços também de forma singular. O entendimento de determinado espaço é situacional e contrastivo e as narrativas desses lugares podem, e de fato são, concorrentes e sobrepostas (RODMAN, 1992).

## O lugar simbólico da PUC-Rio na Ditadura Militar

Antes de discorrer sobre os espaços selecionados, é importante apresentar resumidamente a forma pela qual a PUC-Rio era, no geral, vista durante a ditadura militar brasileira. Por meio de entrevistas realizadas, foi possível notar que, segundo diversos atores daquele momento, considera-se que o corpo discente e docente da PUC-Rio conheceu uma certa liberdade em relação à maioria das outras instituições de ensino brasileiras. O professor Eduardo Jardim, que trocou a UFRJ pela PUC-Rio ainda na época de estudante, contou que, nos tempos de forte repressão política, a PUC-Rio era

---

<sup>2</sup> "Here the emphasis is on places in the world, on the agency of individuals and of forces beyond individual control. Places have multiple meanings that are constructed spatially". (RODMAN, 1992, p. 641).

“como respirar” (JARDIM, 2014). Já o cineasta Silvio Tendler (2014), que estudou Direito e Comunicação na Universidade nos anos de 1969 e 1970, se refere à PUC-Rio daquela época como um “oásis” dentro da ditadura, um “ponto de encontro da democracia”.

Exemplos dessa maior autonomia são: a continuidade dos diretórios de alunos da PUC-Rio como representantes legítimos do corpo discente; a circulação na Universidade de jornais estudantis que, explicitamente, criticavam o governo militar, mesmo nos anos mais obscuros do regime, com a vigência do AI-5; e o fato de a PUC-Rio, nos tempos de maior fechamento do regime, ter aberto as portas para professores cassados em outras universidades.

No entanto, assim como Jardim contou em entrevista, a Universidade viveu movimentos de sístole e diástole - metáfora utilizada para figurar como a Administração Central da Universidade teve momentos de abertura e outros de endurecimento em suas ações ao longo do regime militar. A mesma PUC-Rio que recebeu professores cassados, demitiu alguns de seus professores por razões ideológicas. A Universidade que manteve os diretórios acadêmicos funcionando, também promoveu diversas ações de censura e proibição de atividades dos alunos, como o impedimento da circulação de alguns panfletos e jornais no campus e a intimidação de alunos por meio de suspensões e expulsões.

Além disso, é válido ressaltar que, embora representasse um espaço simbólico de maior liberdade, a PUC-Rio também sofreu repressão por parte do regime militar. Houve a infiltração de agentes do governo no campus - mesmo que de toda maneira a reitoria tentasse impedir -; foi criada uma disciplina intitulada *Estudos dos Problemas Brasileiros* que era ministrada por professores ligados às Forças Armadas; houve casos de invasões, arrombamentos, destruições e roubos nas sedes dos diretórios acadêmicos; e membros do corpo discente e docente da universidade foram presos e torturados - o estudante Raul Amaro foi morto sob tortura em 1970. No Arquivo Nacional do Brasil, em pesquisa no Sistema de Informação do Arquivo Nacional (SIAN), também é possível encontrar alguns dossiês que registram que os agentes da repressão estavam atentos ao que acontecia na Universidade.

Por mais que a violência estivesse presente, o ponto que pretende ser destacado neste tópico é que a PUC-Rio como espaço simbólico pode usufruir de mais liberdade se comparada a outras instituições de ensino superior brasileiras durante o período de vigência do regime militar. Muito devido a essa posição - com muitas aspas - privilegiada, quando, em 1977, houve definitivamente a retomada das lutas estudantis e o “movimento voltou a realizar manifestações, saiu às ruas e deu os passos necessários para a reconstrução da UNE” (ARAÚJO, 2007, p.218), a PUC-Rio foi o local no qual o movimento estudantil carioca se concentrou. É possível visualizar essa imagem que a PUC-Rio desempenhava no imaginário social por meio do relato de Amâncio Paulino de Carvalho, um dos entrevistados pelo *Projeto Memória do Movimento Estudantil*:

[...] a PUC dava uma proteção especial, por ser um campus controlado pela Igreja Católica, e porque tinha os diretórios. Ela tinha uma organização, os diretórios tinham sede. Tinha um mimeógrafo [...] Essa mínima organicidade da PUC

atraiu o movimento para lá. E as primeiras grandes manifestações no Rio de Janeiro em protesto contra as prisões de São Paulo ocorreram na PUC. Eram aqueles pilotis repleto de estudantes. (CARVALHO, 2005)

Em síntese, podemos dizer que o lugar simbólico ocupado pela Universidade fez com que o seu espaço fosse fisicamente ocupado também. Exatamente como Rodman defende, é possível perceber que os lugares não são recipientes inertes: “são construções politizadas, culturalmente relativas, historicamente específicas, locais e múltiplas” (RODMAN, 1992).

## Os Pilotis



Manifestação estudantil nos pilotis da PUC-Rio. 1977. Fotografia desconhecida. Acervo jornal O Globo.

Os famosos pilotis foram um desses espaços produzidos socialmente. Durante os anos de existência do campus da PUC-Rio da Gávea, eles foram apropriados de diversas maneiras, mesmo que muitas delas não tenham sido planejadas durante o projeto de construção dessas estruturas. Sobretudo por meio de fotografias e relatos orais é possível perceber que muitos dos principais eventos da Universidade aconteceram nos pilotis. A ocupação desse espaço pelo movimento estudantil na luta contra a ditadura militar é apenas um dos inúmeros exemplos. Na foto acima - em concordância com o relato de Amâncio Paulino de Carvalho - identificamos, pelas faixas, a presença de estudantes de outras universidades além da PUC-Rio, como da Universidade Federal Fluminense (UFF), o que mostra que os pilotis foram também desfrutados por indivíduos de fora da comunidade acadêmica puquiiana.

O arquiteto francês Le Corbusier foi o grande entusiasta da utilização de pilotis na construção arquitetônica nas décadas de 1920 e 1930. Ele defendia que eles eram uma saída para resolver o problema de falta de espaço e de moradias na Europa, como também para melhorar a circulação e a higiene das grandes cidades (GONÇALVES,

2008). Em concordância com Le Corbusier, o projeto arquitetônico do campus da PUC-Rio via os pilotis apenas com a funcionalidade de sustentar os blocos no ar e gerar um ganho de espaço para circulação.

Entretanto, como argumenta Simmel (1939), o espaço não existe, o que existe é o ato de preencher. O espaço livre que os pilotis geram no térreo das construções favoreceu e possibilitou que eles fossem preenchidos de diferentes formas ao longo do anos, tornando-os parte ativa na produção da história da Universidade. Para alguns, eles foram apenas um lugar de passagem, para outros, um ambiente de sociabilidade, alguns lembram deles como palco de eventos solenes, e outros como local de protestos políticos.

O geógrafo Mike Crang reflete sobre como o próprio espaço pode influenciar as ações e moldar os eventos: “o espaço não é apenas um produto contingente de forças históricas abstratas; em vez disso, também pode desempenhar um papel na formação de práticas históricas, porque permite e restringe a ação” (CRANG apud STOCK, 2015, p.11).<sup>3</sup> O Historiador Leif Jerram, na mesma linha de pensamento, afirma que as “disposições materiais’ dos espaços podem ser capazes de ‘forçar, habilitar, delimitar e prevenir” (JERRAM apud STOCK, p.12).<sup>4</sup> Nesse sentido, cabe pensar como a estrutura dos prédios da PUC-Rio, construídos em grandes pilastras que os sustentam e o espaço livre criado por elas, foi significativa e permitiu a ação dos estudantes parte do movimento estudantil, assim como de outros atores sociais ao longo do tempo. A arquitetura dos pilotis permitiu que os movimentos de resistência ao regime militar usassem o espaço como palco de grandes manifestações e assembleias, como mostruário de faixas e cartazes de protestos e local no qual eram dispostas as urnas para as eleições do Diretório Central de Estudantes. Dessa forma, mais do que um mero cenário passivo, os pilotis foram, e ainda são, parte atuante de diferentes lutas sociais.

---

<sup>3</sup> “Space is not solely a contingent product of abstract historical forces; instead, it can also play a role in shaping historical practices, because it enables and constrains action”. (CRANG apud STOCK, 2015, p.11).

<sup>4</sup> “[...]the ‘material dispositions’ of spaces may be able to ‘force, enable, delimit and prevent”’. (JERRAM apud STOCK, p.12).

## A vila dos diretórios



Estudantes sentados na varanda da casa III da Vila, ocupada pelo Diretório Acadêmico Adhemar Fonseca (Engenharia) - DAAF., em 1979. Fotografia de Alfredo Jefferson de Oliveira. Acervo do professor Alfredo Jefferson de Oliveira

Outro espaço atuante e importante para o movimento estudantil e para o movimento docente foi a Vila dos Diretórios - nome pelo qual ficou conhecida a partir dos anos 1960. Anteriormente a isso, e antes mesmo da construção do campus da PUC-Rio, as pequenas casas já ocupavam a região. A Gávea

[...] era considerada um subúrbio até as primeiras décadas do século XX. No bairro conviviam chácaras de famílias abastadas e fábricas que se beneficiavam do acesso fácil à água, dos preços baixos dos terrenos e do transporte regular para os operários pelas linhas de bondes. Estes buscaram moradia próxima às fábricas em vilas, casas de cômodos e depois nas favelas que se formaram. As chácaras começaram a se desvalorizar e algumas foram ocupadas por habitações populares. (GORGÔNIO, 2014, p.39).

A vila que passou a fazer parte do terreno da Universidade foi uma dessas vilas operárias do Rio de Janeiro, que, na maior parte das vezes, seguiam o mesmo modelo:

pequenas casas padronizadas com uma casa mais imponente na entrada, que era ocupada pelo gerente da fábrica. Havia uma hierarquia na ocupação que possibilitava o controle dos subordinados pelo chefe, que podia ver o que acontecia não só na esfera profissional, mas também na vida pessoal dos empregados. (MORANI, 2010, p9).

Enquanto as instalações do novo campus das Faculdades Católicas estavam sendo erguidas, as casas da Vila foram ocupadas por alguns funcionários da construção, já “com a inauguração do campus em 1955, funcionaram ali alguns institutos, integrando definitivamente esse espaço às atividades acadêmicas”. (CORDEIRO, 2014.p.22)

A partir dos anos 1960, a Vila começou a obrigar o Diretório Central dos Estudantes e os Centros Acadêmicos - daí o nome pelo qual atende até os dias atuais. Nesse período, os estudantes passaram a realizar várias atividades culturais como teatro, cineclubes, exposições de arte, música e poesia. Exemplos de apropriações desse espaço pelos estudantes foram:

[...] o CUF (Centro Universitário de Fotografia), que era vinculado ao DCE, realizava eventos como as FotoMostras e possuía mais alunos em seus cursos – dados pelos próprios alunos – que o próprio Departamento de Design da época; o MusiClube, que realizava shows e festas, alegrando e agitando a vida dos universitários frequentadores da Vila; a ArtManha, cujo trabalho em desenho aparecia com frequência em jornais dos CAs; o CineClube, que promovia mostras de filmes. (KOSCHECK, 2009, p.10).

A Vila dos Diretórios foi um dos espaços que pode usufruir da certa liberdade vinculada ao nome da PUC-Rio no período do regime militar. O espaço foi fundamental para a articulação do movimento estudantil não só da Universidade como de todo o Rio de Janeiro. O Diretório Adhemar Fonseca (Daaf), sediado em uma das casinhas, tinha, à época, dois mimeógrafos. Como a maioria das entidades estudantis não tinha à sua disposição tal aparelhagem, era lá onde eram feitos os principais textos do movimento estudantil de todo o Rio de Janeiro. No ano de 1977, inclusive, essas máquinas foram furtadas em uma situação suspeita e os alunos, por meio da publicação *Informe Daaf* (1977), atribuíram a motivação do furto como uma tentativa de deter o crescimento do movimento estudantil carioca. Além disso, na Vila, ocorreram diversas programações culturais que não seriam permitidas em outras universidades, como, por exemplo, exibição de filmes proibidos.

Já para o movimento docente, apesar de ter sido um lugar mais difícil de ocupar, a Vila também fez parte da luta dos professores. Desde o momento que, em 1977, os professores mostraram o interesse de criar um espaço de representação participativa e crítica - a Associação de Docente da PUC-Rio (ADPUC) - houve certo conflito com a Administração Central da Universidade. Segundo publicado no *Boletim da ADPUC* - periódico produzido e publicado pelos docentes da PUC-Rio -, houve uma “resistência por parte da Reitoria em reconhecer e conviver com o esboço de uma organização que tentava restabelecer o nexos entre ‘técnico’ e o cidadão” (CAVALCANTE, CARVALHO, 1981, p.4). Por conta disso, a primeira reunião da Associação teve que ser feita fora do espaço entendido como PUC-Rio, no Colégio São Vicente de Paulo, localizado no bairro do Cosme Velho.

A ADPUC, durante os anos de existência, lutou por democracia, melhores salários e condições de trabalho, entre outras reivindicações. Uma das causas recorrentes da Associação, que pode ser visualizada em diferentes edições do *Boletim da ADPUC*, foi a reivindicação pelo reconhecimento oficial da ADPUC pela Reitoria da PUC-Rio e a concessão de uma sede no campus. Depois de anos, a Administração Central da Universidade, enfim, cedeu uma sala na Vila dos Diretórios para a ADPUC. A professora Berenice Cavalcante, em entrevista, relatou: “Eu me lembro perfeitamente. Daqui para a Marquês de São Vicente, era do lado esquerdo, talvez a segunda ou a terceira casa”

(CAVALCANTE, 2017). Assim, mais do que apenas ter um lugar oficial para reunir-se, a ocupação de um espaço físico e, sobretudo, do simbólico da Universidade pelos professores militantes, significou uma vitória para o movimento docente e a afirmação da existência deles enquanto sujeitos coletivos.

A Vila dos Diretórios, assim como outros espaços da PUC-Rio, foi arena permanente de disputa e sua ocupação pelo movimento estudantil e o movimento docente durante a ditadura militar não foi, de forma nenhuma, natural. Da mesma forma que os pilotis, mais do que um cenário, a Vila se apresenta como parte ativamente envolvida nas lutas sociais.

### Os auditórios B1 e B2



Assembleia de professores em momento de uma votação. 1992. Fotografia Julio Cesar Mello. Acervo Comunicar.

Apesar dos pilotis serem a referência mais óbvia de espaço quando se fala sobre a luta universitária contra o regime militar na PUC-Rio, há um outro espaço muito presente na memória dos professores membros da ADPUC: os auditórios B1 e B2, salas localizadas no Edifício da Amizade, na ala Frings.

Nas entrevistas feitas com alguns dos professores, um dos assuntos mais lembrados eram as assembleias lotadas feitas pelos membros da ADPUC nos auditórios Bs, sobretudo as realizadas no ano de 1981, no qual os docentes da Universidade fizeram uma greve por conta da demissão de professores por razões político ideológicas - paralisação essa adotada posteriormente pelo movimento estudantil, que adicionou suas próprias reivindicações, como o aumento considerado excessivo dos valores das anuidade. Os entrevistados fizeram questão de espacializar o relato memorialístico e indicar o lugar exato onde ocorriam:

Berenice Cavalcanti: Existia o B2 - que é um auditório que foi cortado ao meio aqui no outro prédio - aquilo ali era lotado de 700 professores, entendeu?!

Eduardo Jardim: [...] no momento em que houve a crise [de 1981], os professores se reuniram muito. Nesse momento, e a gente fazia grandes assembleias aqui nos B's. Ainda é B? Ali no prédio Frings.

O historiador Gastón Gordillo argumenta que “toda memória é uma memória de um lugar” (GORDILO apud LOW, 2016, p.77).<sup>5</sup> Low (2016, p.77) complementa o pensamento dizendo que “a espacialidade da memória é parte do processo dinâmico de produção do espaço”.<sup>6</sup> Os trechos acima, retirados de entrevistas com ex-membros da ADPUC, funcionam como exemplos perfeitos para a colocação de Gordillo e de Low: a memória dos professores estão associadas de forma inseparável à espaços específicos, como é o caso dos auditórios B1 e B2. Quando relembrem esses espaços, acabam por produzir eles novamente.

## Conclusão

Os entendimentos dos espaços discutidos até aqui, e as formas pela qual eles foram apropriados, são apenas exemplos das inúmeras maneiras por meio da qual um espaço pode ser construído e produzido socialmente. Essas construções e os significados atribuídos aos espaços ocorrem de forma dinâmica, marcada por movimento. Este trabalho buscou evidenciar que o campus da PUC-Rio não foi um espaço dado de forma natural. Ele foi, e continua sendo, fruto de disputas - assim como os espaços interiores a ele. O lugar é agente e, sobretudo, os indivíduos que o ocupam também o são.

A Vila dos Diretórios, que hoje carrega o nome de Marielle Franco - vereadora do Rio de Janeiro assassinada em 2018 -, apesar de ainda dispor das mesmas casinhas padronizadas, não é a mesma da década de 1970, e muito menos ao que era no seu passado fabril. Mesmo para quem a ocupa em similar espaço-tempo, ela é apreendida de forma distinta, já que “as relações de poder sempre fundamentam a construção social do espaço e estão inseridas na desigualdade de raça, classe e gênero (LOW, 2016, p.69)”.<sup>7</sup> Assim também acontece para os pilotis e para os auditórios.

Uma pequena última observação que talvez seja válida acrescentar é como alguns espaços da PUC-Rio foram selecionados, revestidos de significados e elevados à uma espécie de categoria de “lugares de memória” (NORA, 1993) oficiais da Universidade, enquanto a outros coube o esquecimento. Os pilotis, por exemplo, fizeram parte de vários logos da Universidade ao longo dos anos. Já os auditórios, que hoje não existem mais com a mesma aparência física, só sobrevivem na memória oral e nas fotografias. Acredito que as reflexões feitas neste trabalho mostram que alguns espaços, mesmo que não tão

---

<sup>5</sup> “every memory is a memory of a place”. (GORDILO apud LOW, 2016, p.77).

<sup>6</sup> “[...] the spatiality of memory is part of the dynamic process of space production”. (LOW, 2016, p.77)

<sup>7</sup> “Power relations always underlie the social construction of space and are embedded in race, class and gender inequality”.(LOW, 2016, p.69)

óbvios quanto outros, também podem ser conceituados como lugares de memória da PUC-Rio.

## Referências

- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *Memórias Estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007.
- CARVALHO, Amâncio Paulino. Entrevista concedida à Carla Siqueira. Projeto Memória do Movimento Estudantil. Rio de Janeiro, 30 maio 2005.
- CAVALCANTE, Berenice; CARVALHO, Maria Alice Rezende de. PUC e ADPUC: faces de um mesmo impasse. In: Boletim da ADPUC. Rio de Janeiro: ADPUC, [s.n.], nov. 1981.
- CAVALCANTE, Berenice. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da PUC-Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 6 nov. 2017.
- CORDEIRO, Elisabeth. As colunas da Vila dos Diretórios. *Jornal da PUC* - edição 235, out. 2010. In: Crônicas de memória. Margarida de Souza Neves ... [et al.] (orgs). – Rio de Janeiro : PUC-Rio, Núcleo de Memória, 2014.
- GONÇALVES, Eduardo. *Encontros, identidades e simbolismos: os pilotis como lugar de memória da PUC- Rio*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.
- GORGÔNIO, Clóvis. Como a PUC-Rio chegou à Gávea. *Jornal da PUC* - edição 245, 06 nov. 2011. In: Crônicas de memória. Margarida de Souza Neves ... [et al.] (orgs). – Rio de Janeiro : PUC-Rio, Núcleo de Memória, 2014.
- GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. Beyond Culture: Space, Identity, and the Politics of Difference. *Culture, power, place. Explorations in critical Anthropology*. Durham: Duke University Press, 1997, pp. 33-51.
- HARVEY, David. Space as a keyword. *Paperfor Marx and Philosophy Conference*. Londres: Institute of Education, 2004.
- JARDIM, Eduardo. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da PUC-Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, out. 2014.
- KOSCHECK, Anna. A Vila Dos Diretórios como Lugar de Memória da PUC-Rio. In: Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio. 2009, Rio de Janeiro. *Anais do XVII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.
- LEFEBVRE, Henri. Prefácio - A produção do espaço. *Estudos avançados*. São Paulo, vol.27, n.79, 2013.
- LOW, Setha. The social construction of space. *Spatializing culture: the ethnography of space and place*. New York, NY: Routledge, 2016, pp. 68-93.
- MORANI, Julia. Vila dos Diretórios deixa sua marca. *Jornal da PUC*, edição 236 - Especial 70 Anos, 11 nov. 2010.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*. São Paulo, n.10, dez/1993.

RODMAN, Margaret. Empowering Place: Multilocality and Multivocality. *American Anthropologist*. Virgínia, v. 94, n. 3, p. 640-656, set/1992.

SIMMEL, Georg. *Sociologia: estudos sobre las formas de socialización*. Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1939.

STOCK, Paul, (ed.). Introduction: history and the uses of space. In: *The Uses of Space in Early Modern History*. Palgrave studies in cultural and intellectual history. Palgrave Macmillan, Basingstoke, UK, 2015.

TENDLER, Silvio. Doces memórias, tristes lembranças. Entrevista concedida a Arthur Macedo e Davi Barros. *Jornal da PUC*, Rio de Janeiro, n. 279, p.9, abr/2014.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 97-105.